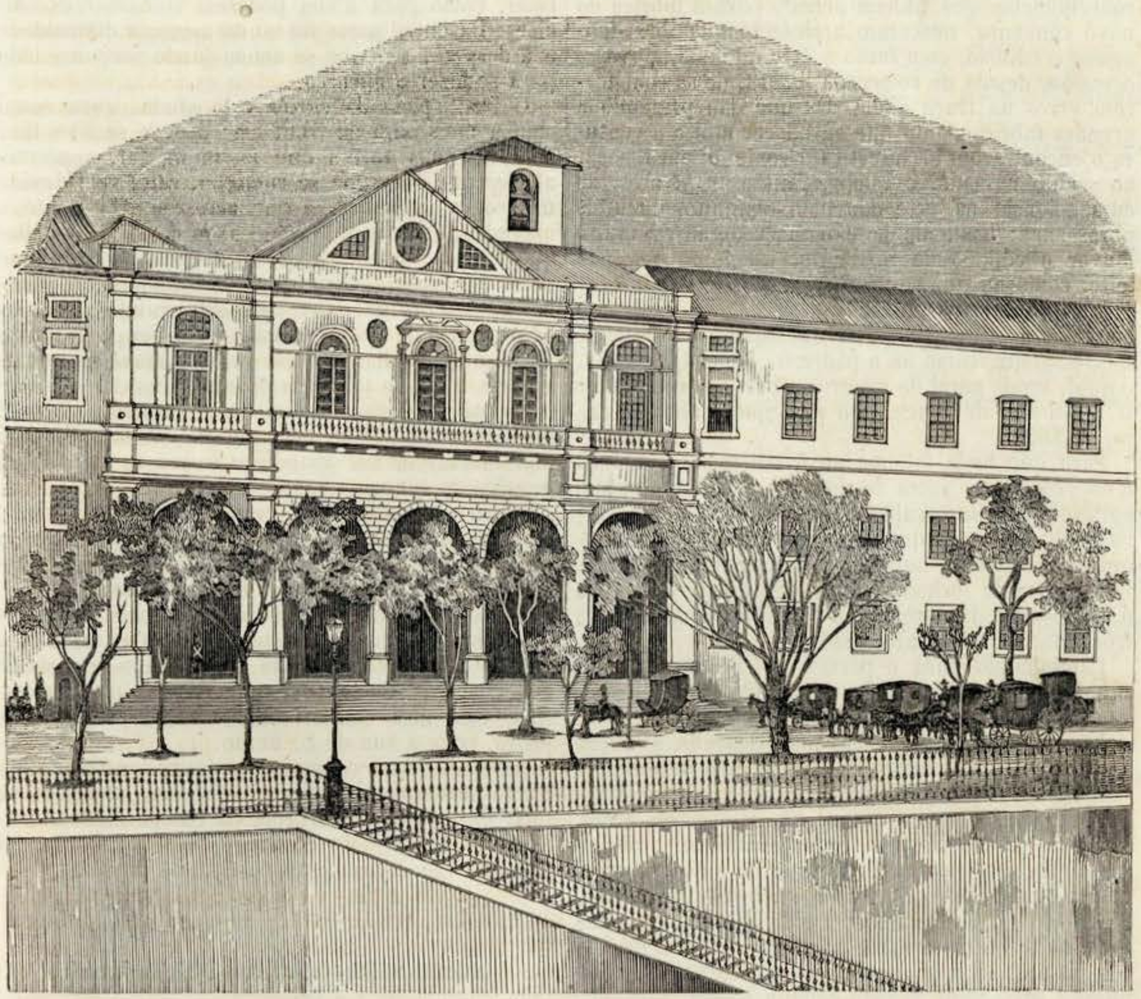


Palacio das cortes (extincto mosteiro de S. Bento) — Desenho de Caggiani

Os monges benedictinos, que tantos conventos haviam edificado nas provincias de Portugal, desde o começo da monarchia, mórmente na do Minho, não tiveram casa na capital senão no tempo del-rei D. Sebastião.

Sendo abbade geral e reformador da ordem fr. Pedro de Chaves, propoz este ao cardeal infante D. Henrique, então regente do reino, a fundação de um mosteiro de S. Bento em Lisboa. Havido o necessario *praz-me*, escolheu o abbade uma quinta, com casa de habitação, que havia no sitio que hoje chamâmos largo da Estrella.

Concorreu o cardeal para a ajuda da compra, abraçando o frade quando viu o sitio por elle escolhido.

Em dois annos se fez a egreja e accommodações para trinta monges; celebrando-se n'ella a primeira missa na noite do Natal de 1573.

Esta foi a primeira casa conventual dos benedictinos, até que em 1597 resolveram, em capitulo geral, fundar outro convento mais proximo á cidade, em sitio menos levantado, e por isso menos exposto aos ventos que tanto accommettiam o da Estrella.

Eis-aqui a historia da nova edificação, tal como nol-a refere um manuscripto de 1704:

«Vinte e cinco annos depois de haverem os religiosos de S. Bento fundado a sua primeira casa em Lisboa, satisfeitos do sitio da cidade, e obrigados da benevolencia dos moradores d'ella, trataram de pôr em obra a resolução que haviam tomado, em uma congregação geral, de edificar outro convento mais proximo á cidade, e menos exposto aos ventos que tanto combatiam o sitio do primeiro, chamado hoje de Nossa Senhora da Estrella. E ainda que a mudança não foi para logar mui distante do primeiro, foi comtudo para sitio muito avantajado nas qualidades que n'elle acharam, porque, por uma parte, se póde dizer está fóra da cidade, e por isso entre os limites que requer a profissão da vida monachal; e por outra, como fica mui proximo á cidade, parece estar dentro d'ella, e por isso, sem muito trabalho, podem os moradores chegar á egreja, e buscar os padres do convento.

Tem de mais o sitio ser muito accommodado para n'elle se lograr boa saude, e com ella a recreação da boa vista que tem sobre a cidade, rio e porto, gozando o prospecto das muitas naus que no dito porto entram e d'elle saem. E ficando, como está dito, o convento mui visinho da cidade, possue uma cêrca [1] tão larga como podéra ter se estivesse mui

[1] É hoje proprietario d'ella o sr. Faustino da Gama.

distante d'ella; fazendo mais estimavel esta cêrca ter uma fonte de agua, que se deriva, sem muito custo, a prover o convento, circunstancia que se não acha em muitos de Lisboa.

Pagos, com muita razão, os religiosos das boas conveniencias que tinham achado para a fabrica do novo convento, buscaram architecto que lhes delineasse o edificio, com tanto acêrto que não houvesse occasião, depois de começada a obra, de se conhecerem erros na traça d'elle. Os que dão principio a grandes fabricas, tem que agradecer muito á ventura o encontrarem architecto tal como foi em Lisboa, no seculo passado, o celebre Balthasar Alvares, de cuja sciencia na arte dão bom testimunho muitas obras suas; bastando para o fazer digno de muito louvor o edificio de S. Bento, assim no que está feito, como no que se vê desenhado para se fazer.

Para superintendente d'esta obra, teve tambem o convento a boa sorte de ter um sujeito tão diligente e intelligente, como foi o padre fr. Pedro Quaresma, o qual, sendo geral da congregação o reverendissimo fr. Balthasar de Braga, deu principio á obra no anno de 1598.

Para que nada faltasse ao frontispicio e entrada d'este convento, antes de chegar a elle, tem um mui sufficiente recinto, capaz de dar logar a muitas carruagens; recinto a que podêmos chamar praça, porque é cercado de muro com duas portas, podendo ficar de noite fechadas; uma das quaes olha para o frontispicio da egreja, e a outra fica a um lado da frontaria, olhando para o sul.

Caminhando para o portico se encontra alguma subida, que se vence, com facilidade, por beneficio de alguns degraus que terminam em dois taboleiros, e depois d'elles, com poucos mais degraus, se chega ao pavimento do portico da egreja, cuja frontaria se funda em seis grandes e firmes pilares de bem lavrada pedraria, onde assentam cinco formosos arcos, sobre os quaes corre uma valente cimalha, e por cima d'ella, superior aos tres arcos do meio, se vêem tres nichos de pedraria, todos na mesma linha, e sobre o do meio tem logar o frontispicio, com uma tarja no fecho do arco; e no andar da volta dos arcos dos nichos ha quatro oculos, pelos quaes se communica luz, assim ao côro como á egreja. Por cima dos outros dois, entre os quaes ficam os tres do meio correspondentes ás portas da egreja, ha duas mui grandes janellas rasgadas, com avultadas grades de marmore branco [1], as quaes janellas guarnecem arcos de pedraria, que excedem na altura os arcos dos nichos, e as mais voltas dos arcos occupam vidraças que dão claridade aos dormitorios. Pelos lados d'estas janellas se continuam pilares, que são os extremos do frontispicio da egreja, os quaes se rematam em uma cimalha de pedraria, que corre, não só sobre a frontaria da egreja, mas tambem pelos lados do frontispicio, em que se vêem, de cada parte, nove janellas das cellas mais estimadas dos religiosos do convento, pela vista que logram d'ellas.

Nos extremos da dita frontaria tem logar outra grandiosa janella similhante á que dissemos ficar proxima ao côro; e ambas estão mettidas entre dois grandes pilares, que formam os solidos cunhaes que seguram o edificio do convento, um dos quaes fica á mão direita de quem quer entrar no portico; uma face olha para o terreiro, ou praça que está diante da egreja, e a outra olha para a casa do noviciado da Companhia. [2] N'este cunhal dizem ter-se feito uma despeza extraordinaria, de que foi causa não se achar firmeza no fundo, pelo que foi necessario il-a buscar muito abaixo, até que, dando-se em agua, veiu a fundar-se o cunhal sobre grade de madeira; mas como a profundidade foi extraordinaria, seguiu-se ser tambem extraordinaria a despeza em encher, de pedra e cal, uma altura tão notavel, com largura qual se requeria, tanto para a obra que se havia de fazer, como para n'ella poderem trabalhar os officiaes. Da outra parte foi muito menor a difficuldade e a despeza, por que se achou fundo accommodado para se fazer o alicerce.

O frontispicio da egreja está ainda agora egual com a mais obra da frontaria; mas se se levantára com as duas torres que havia de ter, conforme ao desenho com que se começou, seria sem duvida uma obra magnifica, e que acrescentaria muito a magestosa frontaria. Porque além das nove janellas que ficam a cada lado do frontispicio da egreja, se vêem por baixo d'ellas outros dois andares de janellas eguaes ás de cima, que são grandes, e todas guarnecidas de pedraria, com o que vem a ficar tres andares de janellas eguaes, que acompanham o frontispicio, fazendo tudo um objecto magestoso, e mui agradavel aos olhos que n'elle se empregam, dando facilmente a entender, pelo que vêem de fóra, que não póde deixar de ser grandioso o que se esconde no interior do convento.»

Como este edificio foi respeitado pelo terremoto de 1755, que lhe não causou o minimo estrago, a descripção de 1704 serve para agora, visto que o exterior se conserva ainda no mesmo estado.

Só temos a acrescentar-lhe, que pela extincção das ordens religiosas foi este convento destinado para palacio das cortes, em 1834, arborisando-se parte do largo; e em 1852 se terraplanou, fazendo-lhe uma cortina, com dois magestosos lanços de escadaria de pedra, para a rua de S. Bento.

Além das duas camaras legislativas, estão no extincto mosteiro de S. Bento, o archivo nacional, ou torre do tombo, desde 1755, em que para alli foi mudado do castello de S. Jorge; e a repartição dos trabalhos geodesicos e topographicos do reino.

[1] Para a ceremonia da acclamação del-rei D. Pedro v, fez-se d'estas duas janellas uma varanda, revestindo-se-lhe de madeira as grades de pedra, para se forrar de veludo.

[2] Hoje Eschola Polytechnica.

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 377)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

XVII

EM QUE SE PROVA QUE O AMOR É PHILOLOGO

A mutua inclinação do visconde e de Ignez era favorecida por todas as circunstancias.

O capitão-mór, activamente occupado, como vimos, raramente escrevia á filha. A mulher do desembargador, no turbilhão de festas e partidas em que andava continuamente envolta na pequena corte de Junot, mal dava attenção ao que se passava em casa. Léon tinha com a sua convalescença um pretexto justificado para não saír. A morgada achava na reclusão systematica, imposta pela prima, um incentivo continuado.

Encontravam-se os dois quasi todos os dias, a bem dizer sós, no jardim, que ficára sendo para ambos um como terreno mixto. Quando se não encontravam no jardim, saudavam-se das janellas. Nas noites de partida de D. Maria reuniam-se na sala, posto que este lhes fosse o local mais importuno. Finalmente, a impressão do primeiro encontro renovava-se a cada passo, e alimentava-se de continuo com este permanente contacto de duas existencias juvenis e florentes, passadas debaixo do mesmo tecto, aspirando sem cessar uma para a outra, e por isso multiplicando as seducções.

Se fosse possivel seguir no seu recondito e mysterioso desenvolvimento o fio das cogitações longas da donzella, e das multiplicadas sensações que ella mesma não sabia explicar, esta dissecção, esta analyse, este estudo, valeria acaso um copioso tratado de moral.

Por que mudava ella de côr, sentindo, no pavimento baixo, o ecco já bem conhecido dos passos do visconde, quando este passeava, fóra de horas, a insomnia pertinaz?

Ao confessor que lh'o perguntasse, não poderia responder.

E, todavia, n'esta proximidade havia um attractivo e um encanto irresistivel. Longe dos olhos, mais perto do coração, tornavam-se, pouco a pouco, intimos aquelles dois pensamentos. As visões da noite são más conselheiras para a mocidade. Separavam-n'os algumas paredes e algumas taboas, é verdade; mas andavam juntas as almas, e juntas se desvelavam, e scismavam, e devaneavam as phantasias.

Em que haviam de elles scismar?

Esta secreta familiaridade não era, todavia, apparente, e isso a tornava mais perigosa. Escondia-a a causa que já fica referida: o visconde não entendia uma palavra de portuguez, como a donzella ignorava os primeiros rudimentos do francez.

A linguagem dos olhos é um grande supprimento, bem sei. Mas a linguagem dos olhos, com ser tão suasoria e expressiva — talvez a mais expressiva e suasoria — não póde bastar eternamente a dois namorados em relações quotidianas. Ha a mimica e a telegraphia do officio, que antecederam muito os mais engenhosos aperfeiçoamentos d'estes modos de communicação, tambem não o ignoro. Sem embargo, a gesticulação mais profusa, os acenos mais variados, os gestos mais significativos, tem as suas limitações; e, bem averiguado tudo, não podem contentar a insaciabilidade natural do espirito.

A difficuldade de se exprimirem cabalmente era, pois, ainda uma separação. Nas partidas do desembargador o visconde apparecia pouco, fallava menos, e retirava-se cedo. Ignez acautelava-se, conhecendo a sagacidade da prima, e parapeitava-se atraz do seu recato e da sua ignorancia.

D. Maria, sempre rodeada e festejada, tinha o visconde em conta de um Werther melancolico, ou de um heroe valetudinario, e propendia a acreditar que a morgadinha, desenganada das ambiciosas presumpções dos primeiros dias, se resignára ao modesto papel de hospeda provinciana.

Assim o fogo ia lavrando debaixo das cinzas, sem que ninguem notasse fumo nem chamma.

Só o desembargador, que observava muito por costume e por prudencia, teve suas desconfianças.

Um dia em que, por excepção, D. Maria não saíra, aproveitando a opportunidade, foi ter com ella ao toucador, depois de sollicitada e obtida a competente venia.

D. Maria estava lendo um volume dos *Contos Moraes* de Marmontel, que lhe tinham mandado na vespera, e, para dizer a verdade, abusava d'este intervallo de solidão bocejando com uma irreverencia pouco lisongeira para o auctor.

Em geral D. Maria não lia por ler, lia para dizer que tinha lido.

O desembargador escolhêra acertadamente a occasião. Foi recebido com agrado fóra do commum. Era uma distracção.

— O que me dá o gosto de o ver... tanto contra costume? — interrogou com excepcional amabilidade D. Maria, que já tinha tomado os modos vaporosos das senhoras francezas, bem como lhes imitava a linguagem e os usos.

— Uma coisa grave — tornou o desembargador — Se não fôra isso não me atreveria...

— Já se vê. Um magistrado não faz nada que não seja gravemente.

— Não deve fazer.

— Concordo, concordo. Vamos ao caso.

— E que na verdade não sei como diga...

— Tão difficil é?

— Difficil, não; mas...

— Tem um «mas»? Acabe.

— Como hei de acabar, se ainda não principiei!

— Bom remedio! Principie então.

— Ahi tem justamente o custoso. Não sei por onde ha de ser...

— Pelo principio, naturalmente.

Esta leve amostra poderá dar uma idéa da lei em que viviam os dois conjuges, longe, bem longe da antiga cordialidade portugueza, da lhaneza affectuosa e do respeito patriarchal das familias, onde o chefe da casa era uma jerarchia, e uma protecção.

O desembargador, depois de procurar no seu bestunto o modo mais conveniente de conciliar a benevolencia e a attenção da esposa, o que não era facil, proseguiu resolutamente:

— Diz bem. O melhor é irmos directamente ao facto.

— Pois vamos directamente ao facto.

— Saberá que venho fallar-lhe a respeito da Ignezinha... de sua prima...

— E são esses os graves assumptos que o preoccupam? — atalhou D. Maria com um risinho malicioso e ironico. — Já vejo por que se acautelava com tantas precauções. Então que temos?

— Nada.

— Nada!

— Pouco... na verdade pouco é. Por fim de contas, é mais sua parenta do que minha.

— Podia-lhe ter lembrado a observação antes de me fallar a seu respeito.

— Queria só fazer-lhe uma pergunta.

— Comtanto que seja breve.

— Duas palavras. Tem reparado como se faz vermelha, quando o visconde entra na sala?

— Quem?

— Sua prima.

— Que tem isso? Todas as d'aquella edade se fazem vermelhas, em vendo um rapaz. Se não sabem fazer outra coisa!

— Notou já os olhos que elle lhe deita?

— Forte milagre olhar!

— Como seu tio lh'a confiou...

— Confiou... a mim, penso. Supponha que o visconde gosta d'ella... não creio... mas supponha... Cuida que meu tio se queixará de ver a filha viscondessa?

— Eu sei... Tem outras idéas.

— E feliz se lhe vê... outras. Eu nunca lhe achei nenhumas.

— E depois... um francez!

— Quanto tempo pensa que durarão essas velharias? Seria excellente se fosse como diz. A Ignezinha ha de vir a fazer-se uma boa dona de casa... com o tempo...

— E as suas lições.

— Não o diga zombando... E o visconde... o visconde, quando for general, póde ser um auxiliar muito util. Siga o meu conselho, não se metta com essas futilidades. Não são para um jurisconsulto... que está para sair desembargador do paço.

— Desembargador do paço! Que me diz?

— A verdade: prometteu-m'o hontem o conselheiro Herman. Já vê que sei pilotar o meu barco... o nosso barco, visto que navegâmos de companhia.

— Admiravelmente, convenho.

— Então deixe-me guiar a derrota, que o hei de levar a bom porto.

— E á prima?

— A prima tambem... essa depois. É uma criança: tem tempo de esperar.

— Entretanto...

— Descance.

O desembargador inclinou-se, como para se despedir, beijando a mão a sua mulher com um primor de galanteria, evidentemente suscitado pela perspectiva do despacho.

— Entrego-me nas suas mãos... ás cegas — disse sorrindo.

— Ás cegas! Olhe que póde ser um epigramma — acudiu D. Maria.

— Um epigramma na bocca de um desembargador... do paço! Que monstruosa supposição! É só a expressão da mais completa confiança.

— Não se ha de arrepender, verá. Para o convencer da semrazão das suas suspeitas a respeito da Ignezinha... ao menos, por ora... bastará lembrar-lhe uma coisa, que de certo lhe não occorreu.

— Vem a ser?

— Concedo que o visconde olhe, concedo que ella se faça vermelha... concedo tudo. Só lhe não concedo que estejam tão adiantados... como quiz dar a entender com as suas innocentes perguntas, as suas meias palavras...

— Meias palavras!

— E os seus avisos.

— Protesto que não tive sequer intenção...

— Não proteste... Conhecemo-nos.

— Não a desmentirei.

— Era o que faltava! Pense nos autos... Estas coisas pertencem-me.

— Seguramente... mas uma paixão...

— Uma paixão! Acredita em paixões?

— Se não acreditasse, não teria a ventura...

— Não diga, que perpetra um madrigal... E na sua edade!

— O coração não tem edade.

— Onde leu isso?.. Não divaguemos. Uma paixão... só de um lado... não é perigosa. Uma paixão... reciproca... suppõe accordo. Para haver accordo era preciso que elles se entendessem... Como se hão de fallar? diga.

— É verdade. Não me occorria, com effeito. Felizmente, prevê tudo... por si, e por mim.

— Não lhe esqueça.

Na propria occasião em que os donos da casa estavam entretidos n'esta singular conversação, Ignez e o visconde encontravam-se... casualmente... como era costume, no jardim, contentes, radiosos, alvoroçados, como nunca até então.

D'esta vez não fallaram sómente os olhos. O visconde chegou-se ao pé da morgada, e perguntou em portuguez de principiante:

— Sra. D. Ignez, como passou?

A morgada ousou, ao mesmo tempo, balbuciar em mau francez, vibrando da commoção com que responderia a uma declaração formal:

— Bonjour, monsieur le vicomte.

A trivial saudação, que aos outros pareceria simpleza quasi risivel, pareceu a ambos a flor da oratoria.

Como fôra isto? Muito naturalmente. O visconde havia tres dias que tomára um mestre; Ignez havia oito que desenterrára na livraria do desembargador uma grammatica velha.

Não se diz que o amor faz poetas! Por que não havia de fazer philologos?

N'estes comprimentos, porém, tão pueris e tão futeis, se iam de todo para a pobre menina de Valde-mil as salutares memorias do passado; n'elles — mal o previa! — lhe começava outra vida, e que vida!

A ultima barreira que defendia o coração de Ignez estava por terra!

(Fim da primeira parte) MENDES LEAL JUNIOR

CARNEIRO MONTEZ

O argali ou carneiro montez da Siberia (*ovis fera siberica*) é do tamanho do gamo, pouco mais ou menos. Tem o corpo coberto de cabello curto, acastanhado de inverno e arruivado de verão. A lista aleonada que lhe corre por todo o fio do lombo, é que não muda de côr. Os paus do macho são grossos, compridos e recurvos; os da femea são menores, quasi direitos, e mui similhantes aos das cabras domesticas.

Ao inverso do rangifero (vid. pag. 397), o argali de inverno habita as regiões montanhosas, e de verão os valles e as planicies; o que se explica pela razão de que o vento varre a neve do cume dos montes, e a lança nas planicies, que durante esta estação permanecem inteiramente cobertas de gelo.

Dotado de grande agilidade, o argali salta de rochedo em rochedo, para pascer os musgos e a relva, de que tão pouco abundam aquellas paragens, e tambem para comer os pimpolhos dos arbustos.

A femea tem filhos duas vezes por anno, na primavera e no outono; e muitas vezes tem duas crias de um parto.

A carne do argali, e a gordura principalmente, tem muita estimação na Siberia.

O carneiro montez, ou muflão, encontra-se tambem na Corsega, nas montanhas da Grecia, e nos desertos da Tartaria.

AS ROSAS ENCANTADAS

CONTO PENINSULAR

VII

(Conclusão. Vid. pag. 387)

D. Cesar referiu aos seus amigos o occorrido como para lhe servir de desculpa, mas ninguem acreditou a narração phantastica do fidalgo; recebiam com estrepitoso coro de gargalhadas o seu conto, e tomavam-no por desmemoriado ou tresloucado.

Os credores, gente descortez e inconsiderada, vieram de tropel sobre elle augmentando com similhante procedimento as suas difficuldades. D. Cesar, para melhor se equilibrar, decidiu sair para a Italia em busca da fortuna militar que de outras vezes o favorecêra.

Embarcou-se em Malaga n'uma galera genoveza, que entrára carregada de lã, e com vento bonançoso emprehendeu a derrota para o theatro da guerra; ao segundo dia, porém, embraveceu-se o mar, e correram borrasca furiosa, vindo a encontrar-se ao romper d'alva na altura das costas de Africa, e cercada a embarcação por duas galeotas de corsarios argelinos. Sendo impossivel a fuga, accordaram os da companha em render-se á discrição para salvar as vidas; mas D. Cesar, com outros hespanhoes não menos esforçados, entenderam covarde o proposito, apoderaram-se do navio, das escassas armas e munições, e aprestaram-se para desesperada defesa. Pelejaram como valentes, e a preza foi, apenas, os restos da embarcação com D. Cesar e quatro de seus companheiros passados de innumeras feridas. Os genovezes foram enforcados na antena do seu proprio navio, e os fidalgos curados com sollicitude na esperança de grande resgate.

Restabeleceu-se em Argel D. Cesar de Toledo, e um governador aposentado levou-o, com outros muitos escravos de garbosa presença e de familias nobres, para os offerecer ao grão-senhor. O nosso fidal-

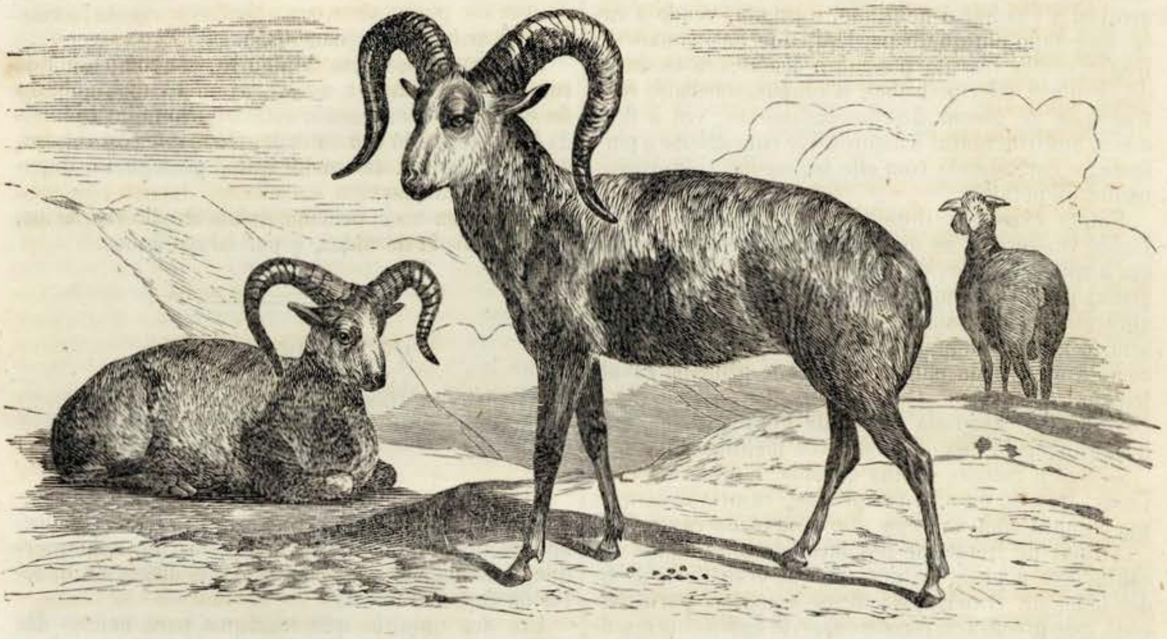
go granadino perdeu inteiramente a idéa de liberdade ao ver-se em Constantinopla.

Destinaram-no aos jardins do serralho, que dão para o Bosphoro, e em breve, pela sua intelligencia e desembaraço, conquistou as boas graças do turco que o mandava. Não dormia com os outros escravos; levado de sua tristeza, por altas horas da noite, tomava de uma guitarra, e entre as rosas junto dos bosques de palmeiras, sentava-se a cantar romances em hespanhol ou em toscano, que elle mesmo compunha, allusivos ao seu negro porvir, aos seus amores passados, ás suas tristezas; a sua voz e os seus cantares tinham a melancolia dulcissima e voluptuosa das canções hespanholas, das rogativas de um desterrado perdidas entre as ondas embalsamadas da brisa da noite.

Certo dia julgou escutar um suspiro, que respondia aos seus queixumes, e outra dulcissima barcarola veneziana que rimava com as ultimas coplas cantadas por elle; aproximou-se das altas paredes do serralho, e de uma gelosia, ondulando com o vento, caíu-lhe aos pés o mais formoso dos cravos que produziram os jardins orientaes.

Desde então, com as precauções e sobresaltos da escravidão, se estabeleceu mysteriosa correspondencia entre o rouxinol aprisionado nas doiradas gelosias do harem e o cantor andaluz. Ao cabo de alguns mezes chegou a occasião que sempre chega para o que a espera com todos os sentidos, e D. Cesar recebeu uma pulseira de oiro, na qual com punção de aço se escrevêra longa carta em italiano correcto.

Vendeu a pulseira o captivo, e seguindo as instrucções da sua dama, e em uma noite sem lua, escalou a ponte por onde as odaliscas, atravessando o jardim, passavam ás galerias que dominam o mar; com a foice do jardineiro fez saltar as gelosias, atravessou aquelle caminho a passo largo, levantou a porta dos lemes mettendo o punhal pela fenda, e procurou no solo de alabastro a mola que lhe haviam indicado; d'ahi percorreu um labyrintho de casas até que deu com uma porta, d'onde saíam raios de vivissima luz.



Carneiro Montez

Penetrando na estancia ficou cego com tanta luz e tão deslumbradora magnificencia. Uma joven de dezeseis annos, formosa qual estatua antiga, e mui parecida á Venus de Médicis, adiantou-se com um cofresinho debaixo do braço, e disse afoitamente em toscano:

— *Andiamo.*

— *Il eunuco?*

— *È morto...*

E mostrou a D. Cesar um corpo humano estendido no solo e nadando em sangue, e o vermelhado punhal que ella occultava nas ricas vestiduras.

— *Andiamo* — respondeu o fidalgo encolhendo os hombros com a indifferença propria dos homens de marmore.

Atravessaram a galeria que dava para o mar; uma barca de piratas gregos levou-os a uma das ilhotas do archipelago, cujas entradas e abrigo só os naturaes conhecem; d'alli á terra de Veneza, d'onde se embarcaram para Hespanha em galera bem armada.

Helena trouxe comsigo n'aquelle cofresinho uma mina inesgotavel de joias; tinha dezeseis annos; formosura perfeita, e estava perdida de amores pelo seu libertador.

Chegaram a Granada os dois amantes, mas incognitamente, porque D. Cesar meditava um estranho projecto; inteirou-se de que vivia na memoria de todos a sua estranha aventura com Isabel, e preparou o que vác ler-se.

VIII

D. Cesar de Toledo comprou a casa de Pero Antunez, ou, antes, do doutor Graciano, reedificou-a e adornou-a como se encontrava no tempo da prosperidade da sua promettida (para tudo lhe bastou uma joia unica); á grega, que era christã, como nascida em dominios venezianos, mandou-lhe fazer um traje egual ao de Isabel quando noiva; ataviou-se elle da mesma fórma, e em a noite que prefazia o anno do seu desventurado matrimonio *in fiori*, convidou mysteriosamente todos os amigos que haviam presenciado o seu triste desengano.

Tudo estava preparado; a hora de anoitecer aproximava-se. Era grande o esplendor da casa. Multidão de curiosos se apinhavam á porta, e algum mais atrevido penetrava até ao pateo devorando com avidos olhos tanta opulencia, ou examinando com impertinente curiosidade as minimas circunstancias. Entre os que se adiantaram, posto que com extrema timidez, ia uma joven plebea, limpa mas pobremente vestida, formosa, com a tez queimada pelo sol, e que chorava desconsolada cada vez que reconhecia um movel, um quadro, ou uma alfaia. Era Isabel, a quem com a vista seguia seu pae, encurvado pelos annos e pela miseria.

A filha de Pero Antunez, aproveitando-se da confusão geral, porque ainda não tinham chegado os senhores, apenas entrou no pateo, tomou sobre a direita, e encaminhou-se furtivamente para o jardim.

Atravessou com passo ligeiro as primeiras ruas, e dirigiu-se para o sitio onde de outras vezes encontrára tanta felicidade e alegria. A mocinha não se atreveu a chamar o negrinho, e julgou, vendo a casa no estado em que a perdêra, que outra mais ditosa e menos ingrata possuia o açafate do encantado, e o seu affecto. Isabel, n'aquella soledade, contentou-se de chorar desconsoladamente; viu a flor, e sem ousar arrancal-a aspirou-lhe com deleite o perfume, e embriagada com elle beijou-lhe voluptuosamente as pétalas.

Subita claridade illuminou o umbroso canteiro; Isabel viu-se com as mesmas galas que devia trajar em a noite da boda; porém com maior riqueza e mais grossa pedraria. Appareceu tambem o negrinho que abraçou enthusiasmada. Junto do seu febricitante seio, o negro tomou a fórma de um gentil moço alvo como a neve, com porte e vestes de principe cavalleiroso.

Quiz fugir aterrada a filha de Pero Antunez, mas o desconhecido disse-lhe com voz melíflua:

— Sou o mesmo, minha querida, e o ingrato é D. Cesar, que, se eu não o impedisse, casaria dentro de um minuto com a grega que trouxe do captiveiro. Acabas de livrar-me dos laços de miserandos encantadores á custa de um anno de trabalhos, de fidelidade, de grandes sacrificios e muitas perturbações, que procurarei recompensar-te agora com quanta felicidade haja no mundo, e satisfaça o teu coração. Vamos, que nos esperam na boda.

Isabel petrificada deixou-se levar pela mão, arrastada como sempre pelo encanto irresistivel que imperava no seu amante e que a dominava.

IX

D. Cesar de Toledo e a formosa grega chegaram no entretanto em duas magnificas carruagens, seguidas de numeroso cortejo de convidados, escudeiros, pagens e lacaios, e foram sentar-se no estrado armado no salão principal. Deu a conhecer a sua futura esposa, e levou-a a um esplendido gabinete para que cobrisse a cabeça com a mantilha, como se exige na ceremonia dos desposorios.

Durante este curto intervallo, appareceu no salão, sem se saber como, um formosissimo e gentil mancebo de vinte annos, luxuosamente vestido, e que trazia á direita uma dama que todos reconheceram immediatamente pela sua belleza sem egual; com elle vinha Pero Antunez. Geral foi a admiração ao ver alli Isabel tão bella como havia um anno, nos melhores dias da sua grandeza, acompanhada de forasteiro tão garboso. Este preveniu a curiosidade dos presentes, tomando logar no estrado, e dizendo:

— Senhores: D. Cesar de Toledo inventou uma historia por conveniencia propria, o anno passado, com a qual ficou em má situação, se não a honra, pelo menos o nome d'esta dama que todos conhecem. Regressando das suas viagens para lhe dar completa satisfação, quiz que eu, o mais intimo de seus amigos, vos fizesse tal manifestação, e, visto nos amarmos, Isabel e eu celebrámos a nossa boda em sua propria casa, no mesmo dia e com alguns momentos de anticipação. Fazei-me, pois, a honra de serdes testimunhas.

Ditas estas palavras, entrou o ecclesiastico, que terminou a ceremonia em poucos momentos.

Apenas havia saido, quando appareceram os outros noivos. Furiosas rabanadas de vento abriram as janellas, estalando as gelosias e cristaes, apagaram-se as luzes, caíram em pedaços as cortinas, estremeceram as portas, os quadros e os lustres com horrivel estrepido, e os concorrentes saíram para a rua, julgando proximo o fim do mundo.

....

X

Duas palavras em conclusão.

D. Cesar foi-se para Alpujarra, em companhia da sua grega Helena, e asseguravam os montanhezes do sitio, que nem quando estava ebrio fallava jamais da desventura do seu noivado, posto que costumasse, depois do jantar, denunciar que o perseguiam duendes e phantasmas.

Isabel com o seu principe desencantado viveu rica, feliz, estimada de todos, e por largos annos.

A CASA DOS BICOS

(Conclusão. Vid. pag. 391)

IX

Terminada a digressão a que nos levou o encontro de varios documentos inéditos, a respeito do desapparecimento dos ossos de Affonso de Albuquerque, concluamos a investigação das origens e historia da casa dos Bicos.

Um dos quesitos que tomámos para balisas das nossas averiguações, foi saber a quem pertence hoje esta casa, e qual a sua historia moderna. Eis o que apurámos.

Em 1827 foi a casa dos Bicos posta em praça pela fazenda nacional, achando-se já penhorada pela somma de 14:800$000 réis, que o proprietario devia de decimas d'este e d'outros predios que possuia. Arrematou-a por 14:500$000 réis, o inquilino, que era Caetano Lopes da Silva, honrado negociante de bacalhau, e pae dos actuaes locatarios, que ainda alli conservam a mesma bacalhoaria de seus avós.

Em 1838, Francisco Antonio Marques Giraldes Barba, tutor do menor Pedro Telles de Mello, successor do antigo senhorio d'esta casa, citou o arrematante para lh'a restituir, com o fundamento de que sendo vinculada, não podia ser vendida, embora por execução fiscal. Caetano Lopes, homem de antiga tempera, inimigo de demandas, e reconhecendo, por conselho de letrados, que a casa fôra illegalmente posta em praça, confessou a acção, demittiu de si o dominio de uma propriedade que lhe tinha custado tantos contos de réis, fazendo ao novo senhorio um arrendamento de longo praso, pelo aluguer annual de 500$000 réis.

E posto que tivesse direito de pedir ao estado a restituição do preço que havia pago, por um predio que o fisco não podia vender, nunca quiz usar d'esse direito, nem tão pouco seus filhos. Acção é esta digna de ficar aqui registada com o devido louvor.

Tal é a situação actual da casa dos Bicos.

Temos respondido já á maior parte dos quesitos que formámos quando démos começo ás investigações sobre a origem d'esta popularissima casa; agora só restam alguns de pouca importancia.

Um d'elles é saber por que pertence a casa dos Bicos ao morgado do antigo secretario de guerra, de que é actual administrador o sr. Pedro Maria Telles de Mello Malheiros Brito Freire e Albuquerque.

Os bens, tanto vinculares como allodiaes, pertencentes ao grande Affonso de Albuquerque e a seu filho, passaram successivamente para as differentes familias que hoje os possuem, e são os srs. marquez de Pombal, successor da casa Sarzedas; conde de Peniche, herdeiro das do conde de Villa-Verde e marquez de Angeja; conde de Mesquitella e Pedro de Mello. Ao morgado d'este ultimo coube a casa dos Bicos. Fica porém uma questão irresoluta, e é, determinar qual d'estes seja o descendente directo de Affonso de Albuquerque. Achámos esta averiguação genealogica muito intricada, e tanto que nos não atrevemos por em quanto a resolvêl-a. N'outro estudo mais largo o faremos.

O quesito tocante á tradição, de que na familia dos Albuquerques se entroncára um magistrado de appellido Bacalhau, filho de um commerciante d'este pescado; e que por isso a casa dos Bicos, desde muito antes do terremoto, como já vimos, tem servido de bacalhoaria; que pelo mesmo motivo se mudára o nome á celebre quinta de Azeitão, chamando-se da Bacalhôa, sendo o primitivo de quinta do Paraiso; de similhante tradição não encontrámos documentos, nem para a confirmar nem para a refutar. O bacalhau, por em quanto não é *fiel amigo* da fidalguia, porque, como appellido, não o achámos em nenhum dos muitos nobiliarios que havemos folheado, para esta e outras investigações archeologicas.

Resumâmos, pois, o que nos antecedentes artigos fica apurado tocante á casa dos Bicos, e é que:

Foi edificada por Affonso de Albuquerque Junior, cêrca do anno 1523.

Que por esta data se vê que nunca alli residiu o grande conquistador da India.

Que foi acabada, e não embargada durante a sua edificação como alguns suppozeram.

Que se não sabe a razão por que nos livros e manuscriptos antigos se lhe chama dos diamantes.

Que foi parar á casa do secretario de guerra (Mellos), em cujo dominio se conserva, no anno de 1649.

Que a fazenda nacional a pozera em praça no anno de 1827, sendo arrematada por 14:500$000 réis.

Que em 1838 fôra reivindicada pelo tutor de Pedro Telles de Mello, com o fundamento de que sendo vinculada se não podia vender.

Que actualmente a traz de renda o sr. J. Caetano da Silva por 500$000 réis annuaes; e ahi tem os seus armazens de bacalhau. Antes do terremoto andava esta casa arrendada a um negociante inglez, de bacalhau tambem, por 700$000 réis.

Finalmente, que as outras tradições populares não tem fundamento averiguado.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

DUVIDA

Tendo o sujeito da oração por complemento algum substantivo regido pela preposição *com*, o verbo deve pôr-se no singular ou no plural?

[illegible], escreverei:

Eu *com* meus filhos *assistimos* á missa da uma hora.

Ou:

Eu *com* meus filhos *assisti* á missa da uma hora.

RESOLUÇÃO

A regra geral é que o verbo deve concordar com o sujeito em numero e pessoa; mas os nossos melhores classicos, na especie proposta, attendendo ao significado de commitancia ou simultaneidade que tem a preposição *com*, fazem o sujeito collectivo, e põem o verbo no plural quando lhes convem.

Aqui estão alguns exemplos decisivos.

«Na mesma noite fatal em que o rei, *com* mil magnates da sua monarchia, *estavam* brindando pelos vasos sagrados. — *Vieira.*

«Assentaram n'esta congregação (os jesuitas) que o mesmo padre commissario, *com* o padre Miguel de Torres e o provincial Diogo Nirão, lh'as *fossem* offerecer (as constituições da companhia). — *Balthasar Telles.*

«Foi um padre *com* um irmão ao reino de Congo, para *sacramentarem* os portuguezes e christãos de uma povoação de certo senhor. — *Amador Rebello.*»

Váe ao sertão Thomé Ribeiro *com* o padre Francisco Velloso, e trazem mais de mil gentios. — *André de Barros.*

«Patecasir *com* todo-los seus, *padeciam* grande fome. — *Damião de Goes.*»

«Chegando Affonso de Albuquerque ao porto de Adem, por o mar andar furioso... e tambem o sitio da cidade requeria outro modo de repartição da gente, não fez o que trazia ordenado, tomou o que lhe o acaso deu; e foi ficar *com* toda a gente em corpo para *combaterem* a cidade á escala vista. — *João de Barros.*»

Accumulámos tantos exemplos, e dos melhores classicos, por termos visto n'algumas grammaticas coarctada esta faculdade, da qual tão amplamente usam os mestres da lingua, e tanto que são raros os exemplos de empregarem o verbo no singular.

Camões e outros poetas de auctoridade usam tambem pôr o verbo, ora no singular, ora no plural; mas nós evitaremos sempre tomal-os por texto, em razão do abuso que todos elles fazem da liberdade poetica.

Este arbitrio comprehende tambem os adjectivos e participios, que seguem as mesmas leis de concordancia.

Convem talvez advertir aos menos attentos, que tal faculdade de optar pelo singular ou plural do verbo, limita-se unicamente aos casos em que o sujeito da oração represente pessoas, assim como os substantivos do complemento, o que bem mostram todos os exemplos adduzidos. Quando os substantivos do complemento não tem acção propria, o verbo concorda rigorosamente com o sujeito. Verbi gratia:

Foi lá o capitão-mór *com* tres caravellas para *render* a fortaleza ou *esbombardear* a cidade. — *Diogo do Couto.*

Portanto, fica resolvido, que se póde empregar o verbo, nas hypotheses analogas á duvida proposta, tanto no singular como no plural.

Em uma lingua tão viva como é a portugueza, e tão distante do seu fim, que apenas tem passado os annos da sua infancia, razão é que com curiosa discripção, os mais laboriosos engenhos se apurem em procurar com selectas dicções os seus augmentos.

D. RAPHAEL BLUTEAU.

Explicação do enigma do numero 49.
Os extremos tocam-se.

INDICE

(Os asteriscos antes da indicação das paginas designam gravuras)

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.